

Conversação Cívica e Deliberação entre Fronteiras: Discursos da Mídia sobre o Fórum Social Mundial no Brasil

*Rousiley C. M. Maia e
Maria Ceres P. S. Castro**

Este artigo tem por objetivo explorar o modo pelo qual O Fórum Social Mundial ganha expressão pública através da imprensa brasileira, através de vozes de sujeitos variados e ordens de entendimento diversas, expressas notadamente em *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*, em três anos consecutivos. Na primeira parte do trabalho, exploram-se questões de natureza mais conceitual - por exemplo, o modo como o FSM, em sua característica de espaço de encontro e debate, pode ser apreendido mediante as formulações da teoria política, em particular do modelo de democracia deliberativa. Em seguida, tratamos das perplexidades que o Fórum acaba por imprimir na cobertura jornalística, tendo em vista os procedimentos de construção da notícia. Na segunda parte, analisam-se as representações do FSM extraídas da cobertura jornalística - ou seja: i) o Fórum é uma "festa", um "carnaval", este entendido seja como uma quebra da ordem social de modo inconseqüente, seja como um desvelamento (*disclosure*) de sentidos com potencial crítico; ii) o Fórum consiste em uma utopia - tanto um projeto visionário quanto um novo devir; iii) o Fórum é uma manifestação dos segmentos da esquerda, sendo essa manifestação apreendida como algo retrógrado ou, então, como uma nova forma de organização política.

Fórum Social Mundial - democracia deliberativa - representação, enquadramento

* Rousiley C. M. Maia, doutora em Ciência Política pela University of Nottingham (Inglaterra), é professora e pesquisadora do CNPq, no Departamento de Comunicação Social da UFMG. (rousiley@fafich.ufmg.br)

* Maria Céres P. S. Castro, doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, é Diretora do Centro de Comunicação da UFMG e integrante do EME, grupo de pesquisa sobre mídia e espaço público, do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG. (ceres@ufmg.br)

The aim of this paper is to explore the manner through which the World Social Forum gains public visibility through Brazilian news, encompassing voices of several actors and different orders of understandings, particularly expressed in *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*, during three subsequent years. In the first part of the text, more conceptual questions are assessed, such as how the WSF, in its characteristic as a meeting place for debate, can be apprehended by means of political theory formulations, in particular those derived from deliberative model of democracy. Then, we explore the perplexities that the Forum ends up imprinting upon the journalist coverage, taking into consideration the procedures of the news construction. In the second part, the representations of the WSF stemming from the journalistic coverage are analyzed - that is, i) the Forum is a fest, a carnival, be this understood as a breaking of the social order in an inconsequent manner, be it as a disclosure of potentially critical senses; ii) the Forum consists in a utopia, either as a visionary project or a new becoming; iii) the Forum is a manifestation of segments of the left, that manifestation being apprehended as something retrograde or, then, as a new form of political organization.

World Social Forum - deliberative democracy - representation - framing

Le but de cet article est d'explorer la façon dans laquelle le Forum Social Mondial (WSF) gagne visibilité publique par la presse brésilienne, entourant les voix de plusieurs acteurs et de différents ordres des compréhensions, en particulier exprimées par les journaux *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estado De Minas*, pendant trois années. Dans la première partie du texte, des questions les plus conceptuelles sont évaluées comme, par exemple, la façon dont le WSF peut être appréhendé par des formulations des théories politiques, en particulier celles dérivées du modèle délibératif de la démocratie. Puis, nous explorons les procédures de construction des nouvelles dans la presse. Dans la deuxième partie, les représentations du WSF dans la couverture journalistique sont analysées: i) le Forum est une fête, un carnaval, qui doit être compris en tant que rupture de l'ordre social; ii) le forum consiste en une utopie, en tant qu'un projet visionnaire ; iii) le forum est une manifestation des segments de la gauche, cette manifestation étant appréhendée en tant que quelque chose de rétrograde ou comme nouvelle forme d'organisation politique.

Forum social Mondial - démocratie délibérative - représentation

Este artículo posee por objetivo explorar el modo por el cual El Foro Social Mundial adquiere expresión pública a través de la prensa brasileña, a través de voces de sujetos varios y órdenes de comprensión diversas, expresadas en particular en *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*, a lo largo de tres años consecutivos. En la primera parte del trabajo, se investigan cuestiones de naturaleza más conceptual - por ejemplo, el modo como el FSM, en su característica de espacio de encuentro y de debate, puede ser entendido mediante las formulaciones de la teoría política, en particular del modelo de democracia deliberativa. Luego, tratamos sobre las perplexidades que el Foro acaba por imprimir en la cobertura periodística, teniendo en vista los procedimientos de la construcción de la noticia. En la segunda parte, son analizadas las representaciones del FSM extraídas de la cobertura periodística - a saber: i) el Foro es una "fiesta", un "carnaval", este ya puede ser entendido como un quiebre del orden social de modo inconsecuente, o como un develar (*disclosure*) de sentidos con potencial crítico; ii) el Foro consiste en una utopía - tanto un proyecto visionario, como un nuevo devenir; iii) el Foro es una manifestación de los segmentos de la izquierda, siendo esta manifestación percibida como algo retrógrado o, sino, como una nueva forma de organización política.

Foro Social Mundial - democracia deliberativa - representación - encuadramiento

Introdução

Em 2001, surge em Porto Alegre, por iniciativa de um conjunto de organizações da sociedade civil, um movimento que passou a se denominar Fórum Social Mundial. Segundo Whitaker (2002), “alguns brasileiros pensaram que se poderia iniciar uma nova etapa de resistência” ao pensamento neoliberal, então hegemônico no mundo.

Mais além das manifestações de massa e protestos, pareceria possível passar-se a uma etapa propositiva, de busca concreta de respostas aos desafios de construção de ‘um outro mundo’, em que a economia estivesse a serviço do ser humano e não o inverso. [...] Propunha-se realizar um outro encontro, de dimensão mundial e com a participação de todas as organizações que vinham se articulando nos protestos de massa, voltado para o social – Fórum Social Mundial. Esse encontro teria lugar, para se dar uma dimensão simbólica ao início dessa nova etapa, nos mesmos dias do encontro em Davos em 2001, podendo se repetir todos os anos, sempre nos mesmos dias em que os grandes do mundo se reunissem em Davos (Whitaker, 2002).

Com tais preocupações ocorre o Fórum Social Mundial (FSM), que já se prepara para sua quinta edição. Durante esse período, o movimento cresceu, incorporou novos participantes, criou uma estrutura organizativa, aperfeiçoou seus formatos, ganhou adeptos e críticos, teve sua presença destacada na mídia nacional e internacional e deslocou-se para a Índia em 2004. Uma de suas preocupações é com a manutenção dos compromissos originais em relação à sua abertura para a participação de entidades e movimentos da sociedade civil em escala mundial, sem vinculação a governos, sem a pretensão de se constituir em instância representativa dos cidadãos, mas com a formulação unificada de contrapor-se aos processos de globalização comandados “pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses” (Carta de Princípios)¹

Segundo Boaventura Santos (2003), o FSM representa um novo fenômeno social e político. Essa novidade, por ele nomeada de “radical utopia democrática”, se expressa exatamente nas características que escapam daqueles formatos tradicionais de ação política, em que a visão estratégica conota as noções de participação e representação. No ideário desse movimento, expresso na sua *Carta de Princípios*², trata-se de construir

um "espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão", que não tem o propósito de tomar decisão e em que ninguém está autorizado a exprimir, em nome do FSM, posições que seriam de todos os seus participantes. O Fórum não pretende ser uma instância de poder nem busca constituir-se em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participam.

Esse espaço, que congrega uma pluralidade de temas e sujeitos, numa polifonia que pretende contrapor-se à chamada "ditadura do pensamento único", tomou-se foco da atenção do sistema midiático, obrigando o mundo a dirigir seus olhares para o FSM, que divide a cena pública com Davos. Não obstante, alguns dos membros do Comitê Organizador consideram que a atenção dada aos Fóruns Sociais, já realizados, pela grande mídia, mesmo no Brasil, é pouco significativa e produz interpretações ainda insuficientes:

Ela [a mídia] percebe que estamos contra a corrente da ideologia dominante, mas tem dificuldade em cobrir esses eventos porque não consegue entender muito bem o próprio caráter do FSM - esse espaço sem dirigentes, nem portavozes, nem documentos finais, no qual uma das regras de ouro é o respeito à diversidade. Mas a atenção dada pela mídia - e sua compreensão dessas nossas opções - é visivelmente crescente.³

Examinar a atenção da mídia ao FSM, identificar as formas como esta se manifesta, em especial as representações veiculadas e a força simbólica a elas agregada pelos atores sociais que as expressam, são as pretensões deste trabalho. De uma forma mais específica, a preocupação é verificar as diferentes ordens de compreensão que emergem da cobertura midiática acerca do que se denomina "o caráter do FSM" ou a sua novidade como fenômeno social e político.

Para que se pudessem efetivar tais pretensões, buscou-se coletar um conjunto de matérias veiculadas em diferentes veículos de comunicação, em particular da chamada grande imprensa⁴. Foi realizado um mapeamento preliminar das questões tratadas pela mídia na cobertura do FSM e, com base nesse levantamento, até certo ponto exaustivo, foi escolhida aleatoriamente, por meio de sorteio, uma amostra de 20% das matérias identificadas nos veículos selecionados - em diferentes gêneros

jornalísticos -, que compôs o *corpus* de análise deste trabalho. Procurou-se, então, identificar, nesse *corpus*, as diferentes representações sobre o Fórum, bem como os enquadramentos centrais da cobertura.

O presente artigo organiza-se em duas partes. Na primeira, exploram-se questões de natureza mais conceitual - por exemplo, o modo como o Fórum Social Mundial, em sua característica de espaço de encontro e debate, pode ser apreendido mediante as formulações da teoria política, em particular do modelo de democracia deliberativa. Em seguida, tratamos das perplexidades que o Fórum acaba por imprimir na cobertura jornalística, tendo em vista os procedimentos de construção da notícia. Na segunda parte, em que se apresentam os achados da pesquisa, analisam-se as representações do FSM extraídas da cobertura jornalística - ou seja: i) o Fórum é uma "festa", um "carnaval", este entendido seja como uma quebra da ordem social de modo inconseqüente, seja como um desvelamento (*disclosure*) de sentidos com potencial crítico; ii) o Fórum consiste em uma utopia - tanto um projeto visionário quanto um novo dever; iii) o Fórum é uma manifestação dos segmentos da esquerda, sendo essa manifestação apreendida como algo retrógrado ou, então, como uma nova forma de organização política.

Teoria democrática e prática transnacional: como entender o Fórum Social Mundial?

A teoria democrática, mais especificamente o modelo de "democracia deliberativa", tem conferido grande relevância à dimensão comunicativa da política (Bohman, 2000; Gutmann e Thompson, 1996; Habermas, 1997; Dryszek, 2000). A deliberação é entendida, aqui, na acepção de reflexão e ponderação desenvolvida, por dois ou mais participantes, como uma atividade cooperativa e interativa - "Deliberação é uma atividade conjunta, ancorada na ação social do diálogo - o oferecer e considerar razões" (Bohman, 2000: 32). Envolve um raciocínio prático e sempre carrega consigo um potencial para transformar preferências. Mais relevante

que saber se o debate entre os parceiros alcança sucesso ou determinados acordos, "é compreender", como destaca Maeve Cooke (2000: 948), "a dimensão cognitiva da deliberação - a qual produz conhecimento de algum tipo".

Em diversos pontos da *Carta de Princípios* do FSM, há um claro indicativo do propósito de o Fórum constituir-se em um local de encontro e debate:

[...] espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil [...].⁵

O Fórum Social proclama a democracia como a via para resolver os problemas politicamente.⁶

O FSM não se circunscreve a nenhuma territorialidade ou sistema político nem configura o que poderia ser denominado de "sociedade civil global" ou "uma instância representativa da sociedade civil mundial". Em vez disso, ele reúne uma pluralidade de movimentos sociais e associações voluntárias de diversas partes do mundo. São representantes de ONGs, movimentos das mais distintas naturezas, grupos étnicos, de defesa do meio ambiente e direitos humanos, redes de solidariedade, sindicatos, associações voluntárias e outros.

O FSM não deve ser visto como local de ação ou mobilização, no sentido tradicional. Segundo um dos membros do Comitê Organizador do FSM propõe, "a mobilização e a ação já têm sua agenda mundial e, por mais importantes que sejam, não precisam da ocasião do Fórum Social. Este deve ser preservado como confluência de redes e movimentos para pensar estrategicamente" (Grzybowski, 2001: 68). O Fórum propõe constituir-se em local de encontro e debate, compreendido numa escala transnacional, que guarda várias relações com o plano local. Como proposto na *Carta de Princípios*, o "Fórum Social Mundial [...] articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional"⁷. Não se trata, contudo, da formação de "uma esfera pública transnacional" que colocasse em contato os diferentes públicos nacionais, com o intuito de defender interesses

próprios. Trata-se de fóruns transnacionais diversos, segmentados e desarticulados entre si. O FSM organiza-se em torno de eixos temáticos e oficinas - e de um conjunto diversificado de ações autogestionárias, cujas configurações se definem por uma ordem identificável de problemas ou pelas adesões a uma causa⁸. O propósito é o de promover reflexões sobre experiências e intercambiar argumentos sobre questões determinadas, entre representantes da sociedade civil de diferentes regiões do mundo, pela interação comunicativa simultânea⁹. Trata-se de contatos informais, em vez de procedimentos formais; de transferência de informação e argumentação, em vez de decisões.

Assim, o Fórum não se estrutura em conformidade com nenhum modelo de organização política moderna, seja de centralismo democrático, seja de democracia representativa ou participativa. A pluralidade de temáticas e de propósitos encampados pelos participantes do FSM desafia qualquer esforço de identificar uma cultura organizacional comum ou a ambição de articular metas coordenadas de ação. Como aponta Santos, "com exceção do consenso pela não-violência, seus modos de luta são extremamente divergentes e aparentemente estruturam-se entre os pólos da institucionalidade e da insurgência" (2003:1). Ninguém representa o FSM, nem tem o direito de falar em seu nome e, muito menos, de tomar decisões, reivindicando que tais decisões são as do corpo de seus participantes. Nesse sentido, o Fórum não pretende promover uma aferição de vontades - como em procedimentos convencionais de agregar preferências e construir processos de delegação e correspondente mecanismo de *accountability*. Tem como fim o estabelecimento mesmo da discussão entre os participantes¹⁰.

O Fórum celebra a pluralidade de forma radical. Embora a representatividade geográfica do FSM tenha apresentando fortes assimetrias nos últimos encontros¹¹, o programa minimalista da *Carta de Princípios* demonstra a ambição de manter o princípio de inclusividade de forma mais ampla possível: "O Fórum Social Mundial é aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades"¹².

Apesar de o FSM se autodenominar de luta contra a globalização neoliberal, não é possível entender essa questão de forma unívoca ou totalizante. Em primeiro lugar, a própria noção de globalização – embora muito utilizada em discursos acadêmicos e populares – é extremamente vaga e ambígua. Pode-se falar de uma globalização econômica, ao fazer referência a transações econômicas que se movimentam num nível nunca antes atingido, com a aceleração de mercados financeiros e a influência de empresas transnacionais por meio de cadeias de produção mundiais, que afetam, de modo imediato e mediato, as economias nacionais. Nesse âmbito, a noção de globalização pode referir-se, também, à formação da economia global, que não se deixa regular por qualquer domínio específico, na medida em que os circuitos financeiros se tornam autônomos e se desdobram segundo uma dinâmica própria. Pode-se falar, ainda, de globalização no âmbito da comunicação, para tratar das novas tecnologias de satélites, da navegação aérea e da comunicação digital, que criam redes mais amplas e mais densas para a conversação entre as pessoas e para o transporte de mercadorias e capital, para a transmissão e o processamento eletrônicos de informação. Por fim, pode-se falar, também, de globalização cultural, que diz respeito à difusão mundial de bens simbólicos padronizados de uma cultura de massa (Leader, 2001; Guibernau, 2001; Schmalz-Bruns, 2001; Thompson, 1999).

Definições no nível conceitual são sempre necessárias. Contudo, os organizadores do Fórum parecem referir-se, de modo geral, a uma “globalização de cima” – i.e, redes horizontais de troca e trânsito que são estabelecidas entre atores descentralizados que tomam decisões sobre os mercados, as redes de transporte e de comunicação (Habermas, 2000: 105). Vale dizer que, também nesse caso, o regime econômico neoliberal não deve ser apreendido por meio de “uma imagem estática, de uma política de múltiplas camadas dentro de uma organização mundial”, como alerta Habermas (2000: 139), mas, sim, mediante “uma imagem dinâmica das interferências e interações entre os processos políticos que se desenvolvem de modo peculiar nos âmbitos nacional, internacional e global”.

Nessa perspectiva, o Fórum representa uma "globalização de baixo". A utopia do FSM constitui-se, segundo Santos (2003: 6), em "reivindicar que existem alternativas à globalização neoliberal". Essas alternativas manifestam-se de maneira plural, em termos de reivindicações normativas tanto para os arranjos institucionais e desenhos organizacionais quanto para práticas sociais ou formas de sociabilidade. Na visão dos organizadores, essa é uma das grandes vantagens do FSM: promover visibilidade à multiplicidade de espaços da disputa hegemônica e, conseqüentemente, desmistificar a ordem fundada supostamente em um projeto político único. Como diz Santos, "o conhecimento que temos sobre a globalização é menos global que a própria globalização" (2003: 9). A percepção dessa pluralidade, de que "vários mundos são possíveis", nas palavras do autor, "foi crucial para criar certa simetria de escala entre a globalização hegemônica e os movimentos e ONGs que lutaram contra ela. Esses passaram a ter consciência de sua própria globalidade" (Santos, 2003: 69).

A teorização contemporânea sobre a dimensão cognitiva da deliberação suscita novas questões num horizonte mais positivo para se pensar o FSM. Uma das virtudes das concepções deliberativas da democracia, como Dryzek claramente destaca, é exatamente a sua capacidade para lidar com fronteiras fluidas (1999: 41). De tal sorte, que, para se produzir conhecimento novo, não é preciso que os atores estejam conectados por alguma circunscrição territorial ou vinculados por práticas ancoradas em sistemas ou contextos culturais. Os debates, em qualquer lugar em que acontecem, podem promover "ganhos epistêmicos" quando o conhecimento adquirido permite mover-se de uma posição problemática para uma mais adequada dentro de determinado campo de alternativas disponíveis (Calhoun, 1995: 36).

O fato de os participantes do FSM se confrontarem "como portadores de idéias e práticas" (Grzybowski, 2001: 68), sem que estejam enraizados num terreno de conflito próprio - como aliados ou como opositores -, cria condições relativamente ideais para o desenvolvimento do debate e da reflexão. Como apontado, o Fórum não se constitui em um *locus* de

poder a ser disputado pelos participantes nos encontros. Não há necessidade de se formularem demandas estratégicas ou, ainda, de se arregimentarem aliados, de se intensificarem clivagens ou de se radicalizarem posições, com vistas a ganhos tácitos no jogo político. O fato de não haver um terreno cultural comum, como pano de fundo, ancorando as interações comunicativas, contribui para que as clivagens - que estabelecem eixos de igualdade e de diferenças entre os sujeitos - acabem por se neutralizarem ou se despoticizarem umas às outras. Isso, em princípio, liberta o potencial para a argumentação livre de constrangimentos, de modo que as convicções possam ser expressas abertamente. Embora, na prática, não seja possível eliminar as hierarquias que se estabelecem entre os organizadores do Fórum e os seus participantes, entre quem detém poder de decisão e quem não o detém¹³, todos os movimentos e organizações têm espaço para o discurso próprio, para concordarem uns com os outros ou para discordarem entre si, seja qual for a clivagem existente entre eles.

Nisso reside o poder do FSM para a produção cognitiva de dois tipos de conhecimento novo. Pode-se falar, primeiro, do potencial existente para se estabelecer aprendizagem e se gerarem alternativas. Um local de debate com características como as do Fórum despertam "a imaginação epistemológica" de seus participantes: permite a consideração de conhecimentos diferentes, de perspectivas e escalas valorativas diversas, assim como a análise e a apreciação de práticas plurais. Cada ator, movimento ou grupo tem chances de identificar as experiências existentes no mundo, de estabelecer novas perspectivas para entender os problemas e os conflitos vividos, de processar novidades ou rever as próprias percepções. Além disso, o processo mesmo de debate pode trazer à tona modos de lidar com conflitos que, de outra forma, não surgiriam. Amplia-se, assim, o horizonte das experiências possíveis e de elementos disponíveis para orientar a "escolha" entre cursos alternativos de ação, em situações concretas de conflito.

Em segundo lugar, pode-se falar de um tipo de aprendizagem democrática: participar de um local de debate como o Fórum possibilita o

reconhecimento de diferentes agentes, sujeitos políticos e morais, portadores de idéias próprias. "Reconhecer a pluralidade e a legitimidade dos interlocutores é um requisito não apenas da convivência democrática, em geral, mas, especialmente, dos espaços públicos, enquanto espaços de conflito que têm a argumentação, a negociação de entendimentos como seus procedimentos fundamentais" (Dagnino, 2002: 285). O reconhecimento da pluralidade torna-se ponto de partida para a compreensão dos próprios particularismos e atua como motivação para uma confrontação verdadeiramente democrática, de cooperação dialógica continuada, com outros sujeitos políticos em seus esforços de interpretação e explicação de suas questões, na defesa de soluções tidas como válidas ou justas. De tal sorte, que o Fórum permite a formação de redes de comunicação planetarizada, em que a territorialidade deixa de ser uma premissa central para se organizarem as ações.

Além disso, deve-se ter em mente que o Fórum não fica restrito aos encontros presenciais, que ocorrem nas reuniões anuais. Contatos estabelecidos entre os agentes cívicos de diferentes partes do Planeta podem ter continuidade em espaços de interação virtual, por meio das novas tecnologias de comunicação e informação, numa constante dialética entre o local e o global, entre o presencial e o virtual, entre o ativismo do cotidiano e o ciber-ativismo digital (Hague e Loader, 1999; Tsagarosianou, 1998; Scherer-Warren, 2003). O FSM permite um deslocamento das fronteiras tradicionais comunitárias, locais, para o plano global, bem como oferece oportunidades para se estenderem contatos mediante redes, que transcendem as fronteiras espaciais das interações presenciais. Embora o efeito prático dessas interações só possa ser apreendido por pesquisas empíricas e em casos específicos, diversos estudiosos vêm apontando o potencial que as interações transnacionais têm para transformar os planos locais, seja para questionar o legado cultural dado e os recursos da estrutura social existente, seja para orientar novas metas de transformação (Melucci, 1996:292; Touraine, 2000; Warren, 2001).

Nesse sentido, as questões tratadas em contextos comunicativos transnacionais como o do FSM podem vir a ter repercussão em debates

nacionais. Isso acontece na medida em que grupos de ativistas políticos se incumbem de fazer com que as visões mais sensíveis e os argumentos considerados mais relevantes do debate ampliado circulem nas respectivas esferas públicas nacionais. Cabe ressaltar, contudo, que o modo como o debate se desenvolve internamente em cada país segue uma dinâmica própria, dependendo de fatores tais como o grau de articulação dos atores sociais responsáveis pela difusão do tema, o interesse do Governo nacional em incorporar a matéria em sua agenda, o interesse público em sustentar o debate e o papel de enquadramento da mídia nacional, entre outros. (Ekecrantz, Maia e Castro, 2003; Costa, 2002). Uma avaliação da ressonância de debates globais em planos locais exige a particularização de contextos concretos de debate público, a explicitação dos complexos cenários nacionais e da participação dos atores envolvidos.

Mídia e Fórum Social Mundial: uma atenção crescente

Entre os aspectos importantes que podem ser mobilizados para se compreender a ressonância de debates globais em planos nacionais, está o próprio espaço de visibilidade midiática. Nesse âmbito, pode-se indagar o modo como os debates sobre questões controversas ou determinadas situações-problema ganham publicidade por intermédio da mídia. Nesse caso, tratar a mídia como fórum de debate pluralista exige que uma atenção refinada seja dada não só ao campo midiático mas também ao campo extramidiático, a fim de se fazer ver o modo como os agentes da mídia concedem voz a determinados sujeitos, possibilitando-lhes o agenciamento de sentidos na cena pública, as correlações existentes entre a cena midiática e os posicionamentos de diversos agentes sociais em contextos culturais e políticos específicos e/ou os desdobramentos de debates mediados dentro de grupos ou comunidades particulares.¹⁴ Um estudo com tais características vai além das pretensões do presente trabalho.

Entre os objetivos deste artigo, destaca-se, como já foi antecipado, a

intenção de se examinar o modo como a mídia divulga o próprio Fórum Social Mundial, i.e, disponibiliza expressões, informações ou discursos sobre o evento, a partir de determinados modos operatórios ou opções de enquadramento. Em termos mais precisos, pretende-se apreender as principais representações do Fórum existentes na cena midiática e os enquadramentos que, de certa forma, se tornaram parte do acervo de conhecimentos disponível ao cidadão comum. Isso não autoriza, evidentemente, inferências sobre como tais representações ganham sentido em práticas concretas de interpretação e/ou são efetivamente apropriadas por diferentes segmentos da sociedade.

É importante destacar, para o desenvolvimento do argumento, que as operações de produção de visibilidade no sistema midiático, especialmente aquelas ordenadas pelo processo jornalístico e envolvidas na cobertura dos eventos, são dotadas de alto grau de autonomia e se regem por critérios de noticiabilidade, constituídos no interior do próprio sistema. Isso quer dizer que os fatos noticiados devem, como pré-requisito para sua exposição nos mídias, ter algumas características que permitam sua transformação em notícia. Vale dizer, devem apresentar elementos que tornem possível sua seleção e programação a partir de critérios técnico-políticos, de maneira a agregar aos fatos aquilo que se denomina valor-notícia. E, mais, é preciso que, na sua operação – ou seja, no seu processo de produção –, determinadas condições estejam presentes e sejam captadas para que o fato ou o acontecimento possa escapar do *continuum* da realidade e se transformar em notícia ou material informativo. Para Wolf (1986), a noticiabilidade é “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade de acontecimentos, de entre os quais há de selecionar as notícias”, sendo pautada pelos valores-notícia, que são os critérios de relevância dos acontecimentos a se transformarem em notícia. Tais valores-notícia são tanto critérios de seleção de acontecimentos ou elementos para uma notícia, como guias para sua apresentação noticiosa.

É consenso que um evento que congrega milhares de pessoas de várias partes do Planeta, com uma agenda extremamente diversificada, e que conta com a presença de atores proeminentes do mundo público e da vida intelectual, de lideranças da sociedade civil e do mundo empresarial, bem como, ainda, da área da cultura, da ciência e da tecnologia, preenche, certamente, alguns dos critérios de noticiabilidade apontados pelos estudos de jornalismo. Entretanto, como se ressalta na observação de Whitaker, a mídia, em especial a de grande porte, tem dificuldade para cobrir o FSM, por "não entender o caráter" desse acontecimento. Ainda assim, segundo os organizadores do Fórum, havia 1.870 jornalistas credenciados em 2001; 3.356 em 2002, sendo 1.866 brasileiros e 1.490 correspondentes estrangeiros, de 1.066 veículos de comunicação; e, em 2004, 3.200 jornalistas representavam 644 órgãos de imprensa de 45 países¹⁵. Esses são números expressivos e indicam o crescente interesse que o Fórum tem despertado na mídia, de natureza e porte variados. Mais do que isso, entretanto, esses dados quantitativos comprovam que o FSM comparece com alto índice de valor-notícia, tanto em relação ao critério de relevância do conteúdo quanto ao do interesse da concorrência. Dada a variada dispersão de oficinas, palestras, mostras e manifestações que comporta, o FSM também apresenta matéria de valor cognitivo e com apelos variados como "meios disponíveis" a diferentes tipos de veículo informativo - os impressos, os televisivos, os radiofônicos e as redes de informática. Quanto ao interesse público, que, muitas vezes, se confunde com o interesse do público, também a programação possibilita a inclusão de ambas as formulações: as discussões acerca de temas polêmicos relativos, por exemplo, ao cultivo de transgênicos - que motivou um protesto comandado pelo francês Bové, o agricultor militante - até manifestações contra a guerra do Iraque, ou contra a censura à banhista, ou, ainda, conferências mais sisudas de acadêmicos de grande renome.

No entanto, segundo uma manifestação identificada na *Folha de S. Paulo* (FSP),¹⁶ percebia-se uma certa perplexidade na operação de cobertura, constatada na afirmação da jornalista de uma ONG de que "a grande mídia ainda não dá atenção, nem espaço aos Fóruns Sociais"¹⁷. Com certeza, não foram obtidos dados, na pesquisa, que permitam identificar

a origem dos correspondentes de imprensa ou a característica dos veículos de comunicação que se fizeram representar no FSM. Ou seja, não foi possível identificar se a os correspondentes de imprensa pertenciam, em sua maioria, à grande imprensa ou a órgãos especializados de variada natureza, como a imprensa sindical, partidária ou aquela voltada para a ação de movimentos sociais. O que se pode registrar é que, no Brasil, os veículos caracterizados como da grande mídia – jornais impressos de circulação nacional ou regional, redes de televisão e de rádio, revistas de âmbito nacional e grandes portais noticiosos – deram destaque ao FSM, nas três edições pesquisadas, de forma expressiva e crescente¹⁸.

Contudo a perplexidade permanece. A que a jornalista citada se refere? A atenção reclamada diz respeito ao volume insuficiente da cobertura e à sua não-permanência, uma das características das operações midiáticas em que as *suites* não resistem a mais de uma semana de foco nos veículos? Ou o núcleo da questão é o espanto frente à dificuldade de enquadramento do FSM nos critérios técnicos da construção discursiva do jornalismo? Pois, como se expressa o articulista da FSP, é quase impossível se identificar o *lead* do Fórum:

Os manuais de jornalismo definem o lide de uma reportagem como a abertura, a parte mais importante, o parágrafo sintético que deve procurar responder às tradicionais perguntas: o quê?, quem?, quando?, onde?, como? e por quê? Mas como responder a essas perguntas tradicionais diante de um evento em que ocorreram mais de 600 oficinas e se encontraram centenas de organizações das mais variadas tendências ideológicas e milhares de participantes?¹⁹

Uma das operações básicas para a cobertura de um evento consiste na definição das fontes de informação. Em geral, busca-se, por meio de pessoas autorizadas, recolher o sentido, as falas, os propósitos e as conclusões de um determinado evento. Há sempre alguém, ou algo, que porta a voz oficial do evento e a quem os jornalistas recorrem para se alimentar de informações, que, de acordo com suas regras próprias, vão se transformar em notícia. Certamente, o FSM tem fontes de informação; certamente organizam-se assessorias que buscam facilitar a atuação dos profissionais de imprensa. Não há, porém, nenhuma possibilidade de se obter uma fala "oficial", autorizada pelo Fórum, ou de se apresentar um

documento final de propostas que foram acordadas, por exemplo, numa sessão de encerramento. Impossibilitada de produzir, nos marcos de seus procedimentos, uma visão mais unificada e autorizada do FSM, a mídia recorre aos seus estoques avaliativos e procedimentais para dar conta da cobertura.

Uma terceira estratégia de organização da informação que brota do Fórum Social Mundial é sublinhar os esforços dos organizadores do Fórum para dar ao processo mais legitimidade por meio de maior qualidade na organização. A qualidade da organização seria o principal critério de seriedade e legitimidade de um evento.²⁰

Assim, muitas vezes, transmite-se uma visão acerca do evento em que a perplexidade experimentada pela observação de algo que escapa dos formatos tradicionais de encontros massivos se mistura ao sentimento de que não se produz nada ali, ou melhor, de que o FSM se reduz ao próprio acontecimento, sem conseqüências ou permanências: "Outra saída fácil e corriqueira é fazer exatamente da falta de líder o próprio líder, insistindo no caráter amorfo, invertebrado ou anárquico do evento".²¹

Por outro lado, sem uma voz autorizada que demarque a posição oficial do FSM e estabeleça uma hierarquia de importância na programação - o maior ou menor destaque das várias sessões ou itens do programa varia em relação ao interesse dos participantes e à sua própria atribuição de relevância -, a cobertura se vê frente a uma multiplicidade de ângulos que acaba por produzir a sensação de que ocorre uma Babel de sentidos, da qual não se pode esperar senão uma profusão de discursos que não se conectam de forma eficiente. Como conclui o articulista:

Nenhuma dessas narrativas parece satisfatória. [...] fica evidente que o repórter ou analista faz um esforço de domesticação de um **acontecimento que não se encaixa nos modelos convencionais de produção de mensagens**.²²

Aliás, esta é uma outra razão da perplexidade que se insinua na cobertura: qual a eficiência do FSM? O que ele produz de prático? Quais as conclusões que se pode tirar em termos de suas conseqüências? Na dificuldade de informar - a fala oficial inexistente e, na fala dos participantes, as possibilidades são múltiplas, mas, também, divergentes ou até mesmo contraditórias -, as mídias, com freqüência, concluem pela inconseqüência do FSM.

No ano passado o próprio *ombudsman* da "Folha de S. Paulo" estranhou o tom da cobertura que o jornal tinha feito do Fórum Social Mundial de Porto Alegre. O pouco-caso da "Folha" chamou a atenção por ser o mais surpreendente, mas o resto da grande imprensa brasileira tratou os dois primeiros fóruns da mesma maneira, como uma espécie de circo dos bons sentimentos, politicamente retrógrado e algo ridículo. Em Davos, estava a gente grande, em Porto Alegre, as crianças, divertidas e incoseqüentes. Em Davos, o cérebro. Em Porto Alegre, o coração, o carnaval.²³

A citação é preciosa, pois, ao denunciar o tom da cobertura, o colunista fornece algumas pistas que permitem abordar ordens de sentido para a interpretação mesma do Fórum. Na contraposição jocosa entre os tons dados pela imprensa - especialmente a *Folha de S. Paulo*, ao Fórum Econômico, em Davos, e ao FSM, em Porto Alegre, a pista mais indicativa refere-se à noção de "carnaval", "festa" e às "crianças, divertidas e incoseqüentes". Formulações dessa natureza remetem ao problema dos enquadramentos utilizados na cobertura.

As representações do Fórum na cobertura jornalística brasileira

As falas de organizadores, participantes, intelectuais e ativistas provocaram uma série de representações sobre o Fórum, que são expressas mediante certos enquadramentos nas matérias jornalísticas no Brasil. Numa primeira aproximação, é possível entender "enquadramento" como padrões de seleção e organização da realidade, hierarquização e saliência de determinados elementos que constituem a notícia. Os enquadramentos são quadros interpretativos que fornecem "pistas" para os leitores produzirem interpretações específicas dos eventos e assuntos políticos. Por se tratar de construções sociais, nem sempre os jornalistas e o público se dão conta de tal ordenamento implícito presente nos textos jornalísticos. Ganson entende enquadramento como uma lógica organizadora central, que agrega significados aos elementos dos eventos e seus desdobramentos, ao tecer conexões entre eles. O mesmo autor constrói uma metáfora em que propõe que os enquadramentos devem ser vistos como certos sinais, tal como ocorre em "mapas" que sinalizam caminhos para as pessoas se

aventurarem em florestas, ainda que estes não definam a rota a ser seguida, nem determinem as escolhas dos sujeitos:

Os vários enquadramentos no discurso da mídia fornecem mapas indicando pontos de entrada úteis e sinalizações diante de encruzilhadas, salientam os pontos de referência e alertam sobre os perigos de outros caminhos. No entanto, muitas pessoas não se atêm às trilhas fornecidas, mas, em vez disso, se perdem ou criam seus próprios trajetos (Gamson, 1992:117).

A tentativa de se estabelecerem categorias de representação é sempre uma tarefa complicada devido à multiplicidade de pontos de vistas presentes nas matérias e às possibilidades distintas de aproximação. Contudo é possível detectar certos núcleos interpretativos que enfeixam, em torno de uma idéia central condensada (as "representações"), pontos de vista, metáforas, interpretações e posicionamentos (Gamson e Modigliani, 1989). Nas matérias jornalísticas selecionadas, é possível identificar, pelo menos, três núcleos de representações sobre o FSM. São eles: i) o Fórum é uma "festa", um "carnaval"; ii) o Fórum é uma utopia; e iii) o Fórum é uma manifestação dos segmentos da esquerda. Em cada um desses núcleos, há matizes discursivos diversos.

O FSM é um Carnaval

O Fórum Social Mundial encarregou-se de abrir o cordão da alegria, junto com coisa séria e com direito a batucada de todos os ritmos, em que o bom humor servia de carro chefe do protesto. [...] Até Bové, aquele francês que corre o mundo capinando soja clonada, esteve outra vez na brincadeira, cara de Big Mac antiglobalização. [...] Tanto no (Fórum) de Porto Alegre como no de Nova York, fora o espetáculo, nada de maior, a não ser a conclusão de que o mundo está cada vez mais confuso e difuso.²⁴

Para Bakhtin, as festividades constituem uma das mais importantes manifestações da civilização humana, em qualquer época ou contexto, vinculando-se às perspectivas de constituição de identidades culturais, de celebrações de seus mitos e às necessidades de projeção de seu imaginário na afirmação/contraposição de limites e possibilidades da vida social, entre outros significados destacados: "A vinculação com os fins superiores da existência humana, com o mundo dos ideais, é condição essencial para que aconteça um clima de festa. Essa relação, contudo, só se realiza plenamente nas festas populares e públicas, momento o

carneval" (Soihet, 1997).

Nas manifestações marcadas pela "carnevalização", os participantes são todos iguais, "penetrando o povo, temporariamente, no reino utópico da universalidade, liberdade e abundância." (Soihet, 1997). Expressando-se por meio de uma linguagem própria, a carnevalização caracteriza-se, especialmente, pela familiaridade entre os participantes, contrapondo-se às formas consagradas socialmente de relações aceitáveis, interpelações desejáveis e tratamentos corretos.

A tônica na carnevalização é a inversão de regras de interação convencionais. No domínio carnevalesco, o comedimento verbal cede espaço a extravagâncias [...] o que antes estava separado, hierarquizado entra em livre contato na praça pública carnevalesca [...] esquecem-se momentaneamente as normas e prescrições do cotidiano, substituídas por uma única regra: a aceitação das diferenças. [...] Isto não significa, porém, que se descarta a possibilidade do dissentimento. Pelo contrário, o conflito está pressuposto no contrato de interação tacitamente estabelecido entre os participantes, o qual tem como premissa a aceitação da heterogeneidade polifônica [...] os participantes, ainda que efemeridade da troca de olhares, gestos e mesmo mensagens se libertam das proibições autoritárias. O riso, as obscenidades, as inutilidades e a familiaridade derrotam o sério, o interdito, e mostram clarões de um novo mundo (Roman, 2002).

Entretanto, ainda que seja possível a identificação de tais elementos na cobertura, a maior parte das matérias que lidam com a dimensão festiva do evento o faz de maneira que a conotação relacionada a "um outro mundo possível" se expressa sob a forma da inconseqüência, da irreverência raiando à incivilidade: "Outro mundo é possível: Acampamento indiano não segue modelo brasileiro. Do prefeito de Porto Alegre, ao sair do Acampamento da Juventude: 'É muito diferente do Brasil: não tem cigarro, rock e sexo.'" ²⁵

O tom da cobertura torna quase impossível identificar os traços da carnevalização como criação de novas possibilidades - ainda que no terreno da utopia - de constituição social. No *melange* que se insinua nas páginas dos jornais, não há mais como se identificarem possibilidades reais de mudança: "O Fórum Social, portanto, tem o mérito de alertar as chamadas elites para problemas mundiais graves. A questão é saber se conseguirá ir além disso e da tradicional carnevalização do protesto -

alegre e prazeroso, mas sem conseqüências maiores”²⁶.

Por outro lado, a atenção das mídias, especialmente daqueles em que a imagem constitui um componente essencial – a televisão e, também, os “ensaios” fotográficos das revistas semanais ou dos jornais impressos em cores – igualmente enfoca o aspecto da espetacularização que determinados fatos ou atos, ocorridos na multiplicidade de acontecimentos simultâneos do FSM, possibilita.²⁷

Muitas vezes, essa forma de registrar o “espetáculo” do FSM acaba por sugerir uma hierarquia de importância própria da instância midiática para os eventos do Fórum, em que acontecimentos de menor importância são retirados do *continuum* de eventos e destacados na cobertura.

Certamente, a dimensão festiva do FSM condensa elementos que permitem evocar as formulações relativas ao carnaval, bem como a plasticidade estética do espetáculo e a permissividade e irreverência potencializadoras da crítica social.

Como se viu anteriormente, a dificuldade das mídias em enquadrar o FSM nos parâmetros técnicos da cobertura contribui para que a matriz de sentido mobilizada no noticiário seja da ordem do senso comum, que percebe a sisudez como sinônimo de seriedade e vê, na festa e no carnaval, tão somente a descontração efêmera e a alegria inconseqüente. Inserir tais elementos no campo da ação política destinada a construir um outro mundo assevera ao leitor do jornal uma impossibilidade dada:

Lendo sobre o auto-proclamado Fórum Social Mundial, lembrei-me do texto do Eça de Queiroz, sobre a Irlanda: ‘[...] as reclamações desta associação são de um vago singular: nada de prático, nada de realizável: apenas os velhos gritos sentimentais de aspiração humanitária’ (‘Cartas da Inglaterra’) Seria premonição do escritor português ou a esquerda só se repete à saciedade?²⁸

O fórum é uma utopia

O slogan *"um outro mundo é possível"*, do FSM em 2002 apela de imediato à imaginação política, fazendo crer que outro mundo é não só passível de ser concebido mas também possível. Muitos comentadores, encampados pela cobertura da mídia, entendem que os participantes do Fórum são atraídos por crenças utópicas, sem "considerar os limites da realidade"²⁹. Geralmente, a noção de utopia é empregada para significar um projeto irrealista. Os adeptos do pensamento utópico enunciam, de forma mais ou menos precisa, as características de uma sociedade ou de uma condição desejável, sem realizar um exame crítico das condições ou das circunstâncias em que o desejável se encontra inscrito. Deixam de lado a elaboração de planos para transformar a realidade vivida.

De início, a utopia constitui-se em oposição aos valores tidos como dominantes. O que é socialmente desejável constrói-se em ruptura, contra certos aspectos do vivido e também por projeção ou idealização de outros aspectos. Comentadores que são simpáticos ao FSM referem-se a ele como uma "utopia" que abre um novo período de esperanças. Essa perspectiva é exemplarmente formulada pelo então Governador do Rio Grande do Sul, pelo Partido dos Trabalhadores, em Porto Alegre:

Mais que uma advertência aos profetas do fim da história, o FSM abriu um novo ciclo de esperança e de avanço da resistência na construção para um outro mundo possível. Em cada conferência, seminário, oficina [...] estarão as esperanças de milhões de seres humanos que anseiam por um mundo em que o egoísmo, a ganância, a guerra, a indiferença e as desigualdades sejam substituídos pela solidariedade, a generosidade, a paz e a democracia.³⁰

Nessa acepção, a utopia apresenta-se mais como uma negação do presente que, propriamente, uma formulação de planos ou de projetos referenciados ao futuro. Ao estabelecer um distanciamento entre "a sociedade/ o mundo tal como são percebidos" e "tal como deveriam ser", o pensamento utópico abre oportunidades para articulações diversas entre o sistema normativo e as expectativas frustradas. Pode-se incluir, nesse caso, desde as "utopias visionárias", que rompem com os liames da realidade, até as "utopias críticas", que mobilizam a censura e a insatisfação com o presente para pavimentar o caminho de um novo devir.

Os comentaristas pouco simpáticos ao FSM entendem-no como algo irreal, uma quimera; seus participantes afirmariam no imaginário coisas que não são passíveis de ser realizadas. Na maior parte da cobertura jornalística, são feitas várias alusões ao Fórum como um "sonho", "um woodstock"³¹, uma prática que dá vazão à insatisfação, mas, tal como uma política "de pão e circo", nenhuma transformação substantiva provoca na ordem existente:

O FSM tem um inegável efeito catártico e propagador dos alquimistas do terceiro milênio, que tentam transformar em ouro ideológico filosofias, proposições e arranjos políticos locais ou planetários.³²

[Os] movimentos sociais com querelas imediatas, planos corporativos, eleitorais e/ou fisiológicos definidos e estruturados, traduzem as questões fluidas [...] em pão que alimenta as massas e o circo a ser sorvido pela mídia. - passeatas contra [...], abraços a [...], solidariedade a [...].³³

A partir de uma perspectiva semelhante, outros críticos destacam que as proposições do Fórum - por exemplo, "que uma melhor distribuição de renda irá melhorar a vida de todos", "que o capitalismo tem que atuar dentro de fronteiras", "é preciso lutar contra a fome e a pobreza", "ter solidariedade com os mais fracos", "não permitir que a raça humana seja bifurcada entre seres de primeira e de segunda classe" - são etéreas; não se encontram enraizadas em nenhum contexto sócio-histórico particular; não nomeiam opositores, não especificam meios concretos para solucionar problemas. Fica-se, assim, num nível de abstração tal que poucos poderiam discordar de tais formulações. Problemas concretos não são, de fato, enfrentados. Assim sendo, o Fórum tende a ser visto como "uma verborragia inútil"³⁴

Faltou às mesas de debate, aos seminários e aos participantes do fórum rompimento com idéias feitas para um mundo complexo. Sobrou energia para fazer a conversão dos convertidos, mas faltou dissenso entre os dissonantes. Alguém que pudesse dizer que uma outra crítica é possível, mesmo entre aqueles que saltaram do muro no lado oposto ao da nova ordem mundial.³⁵

Ao não-perceber (ou desprezar) as barreiras que se colocam para a realização dessas proposições, os adeptos das idéias utópicas acabam ficando sem meios de intervir na realidade realmente existente (ou percebida): "Porto Alegre/Mumbai falhou porque [...] ao formidável movimento social que ele acabou por aglutinar faltam propostas mais

objetivas. (O fórum) mantém-se como simples espaço reivindicativo”³⁶

Em todo o pensamento utópico, estão presentes variáveis que podem ser combinadas de modos diversos. O pensamento não fica nesse estágio negativo, sobretudo se o desejável que lhe serve de referência é tomado como uma exigência ética. Pode-se, assim, estruturar um novo entendimento para orientar a construção de desenhos institucionais e práticas sociais alternativas às existentes. Conforme Boaventura de S. Santos propõe em uma entrevista ao *O Globo*: “É lentamente que as idéias vão ganhando força. Ninguém imaginaria, por exemplo, que a Taxa Tobin, reivindicação do FSM, fosse discutida em parlamentos europeus, como tem sido. Significa que essas idéias inicialmente vagas e, até utópicas, vão entrando na agenda política”³⁷

A militante canadense, Naomi Klein, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, expressa uma opinião semelhante de que o FSM é uma fonte de “inspiração”: “Porto Alegre se transformou em um lugar aonde as pessoas vêm para escutar boas idéias que poderiam aplicar em suas casas”³⁸

Nessa acepção, percebe-se que as utopias guardam certa fecundidade ao oferecer, também, matéria à reflexão e ao processamento prático de problemas. A antecipação imaginativa das utopias pode criar condições para a emergência de tipos de organizações possíveis, mas não existentes no momento, ou existentes de modo apenas incipiente, embrionário.

Após quatro edições do Fórum, os próprios organizadores, continuando a defender a utopia crítica, promovem, ainda, uma autocrítica. Em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, Candido Grzybowski, um dos criadores do FSM, reconhece que “algumas discussões no Fórum acabam sendo vazias e ocas”³⁹. De forma parecida, representante do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais - Clasco, propõe: “Ainda é necessária uma maior politização do fórum, usualmente sujeito à crítica de que nele muito é discutido, mas nenhuma alternativa concreta é apresentada”⁴⁰ Nas edições de 2003 e 2004, nota-se clara recomendação dos organizadores para que os movimentos e as ONGs - que se constituem

em torno de um número mais ou menos determinado de metas e criam suas próprias formas e estilos de resistência - "façam avançar mais proposições objetivas" (Santos, 2003: 58).

É possível notar que, após quatro edições, o FSM começa obter uma cobertura um pouco mais favorável. Há um deslizamento de sentido do Fórum como mera utopia visionária para uma utopia mais crítica. Em vez de um "sonho imobilizador" ou de uma "simples catarse", passa-se a um "espaço reivindicatório", por certo "ainda" desarticulado, pouco propositivo e de fim incerto.

O Fórum é uma manifestação de segmentos da esquerda.

O FSM, apesar de ser considerado por várias e diferentes instâncias políticas na cobertura jornalística, apresenta-se como um evento inserido no campo da esquerda. Certamente, essa associação, que do ponto de vista dos organizadores pareceria óbvia e definitiva - uma vez que o FSM se autodefine como um amplo movimento contra a globalização neoliberal -, acaba sendo caracterizada na cobertura jornalística de forma extremamente vaga ou, em muitos casos, sendo ridicularizada.

Primeiramente, é crucial lembrar que a dicotomia esquerda e direita se encontra permeada por dificuldades e controvérsias no meio acadêmico, especialmente durante as últimas duas décadas. Alguns autores propõem que esses termos não representam conceitos, mas meras palavras, como "caixas vazias", que podem receber diferentes significados dependendo das circunstâncias. Outros têm insistido em que a distinção é, até certo ponto, simplista para lidar com as complexidades do mundo contemporâneo. Como Bobbio (1995) argumenta em seu livro sobre o tema, "esquerda" e "direita" são conceitos relativos no jargão político; eles ocupam "lugares" no cenário político, conforme uma dada tipologia definida por critérios temporais, territoriais e sociológicos, entre outros. Apesar das controvérsias em relação ao significado de tal distinção ou dos diversos fatores disponíveis para caracterizar esses segmentos, a

vitalidade do debate sobre a natureza e o valor de cada posição permanece (Bobbio, 1995; Miliband, 1994; Giddens, 1998).

A análise da cobertura jornalística do FSM é propícia para se explorar o modo como tais posições são utilizadas para discriminar programas políticos diversos sobre questões determinadas – sendo a distinção apresentada em termos não apenas de posicionamentos, mas também de julgamentos sobre a melhor direção (ou a direção mais adequada) a ser seguida pela sociedade. Obviamente, como todo par antinômico, a conotação positiva de um termo implica a conotação negativa do outro, conforme situações políticas e condições históricas específicas. Apesar da grande variedade de conotações ambivalentes presentes no vocabulário e nas metáforas empregadas para se referir ao FSM nos jornais brasileiros, o esforço foi o de articular a valoração dada às disposições alinhadas em torno dos diversos segmentos da esquerda.

Nesse âmbito, é possível apreender as representações do FSM conforme duas grandes categorias antitéticas – “a esquerda festiva” e “a esquerda radical”, que parecem exprimir uma polarização ou tensão permanentes. Do lado da “esquerda festiva”, estaria uma série de grupos vistos como “barulhentos e, ao mesmo tempo, bem humorados”, aqueles que transformam o FSM em um festival de protestos irreverentes e que encontram na atmosfera relaxada do encontro a possibilidade de construir um “outro mundo”.

Há claramente um conflito de gerações. Uma geração mais velha, ainda movida por noções de mudança derivadas dos debates ideológicos dos anos 70 e parte da década seguinte, e outra mais jovem, desinformada dos debates políticos polarizados do passado. Para essa, a ação política é mais próxima de um mal-disfarçado altruísmo de classes médias de países ricos ou, inversamente, adere ao radicalismo mais infantil, inclusive porque sem nenhum lustró analítico.

[...] o fórum corre o risco de se manter apenas como a grande festa da esquerda mundial, assim mantendo-se como quimérica a noção de uma sociedade civil global com poder de transformação.⁴¹

Segundo o discurso jornalístico, na esquerda festiva e irreverente

[...] há sempre os que se sentem incomodados sem ponderar suficientemente

[...]. A esquerda de grupos e partidos está mais habituada às confrontações campais e tem pouca paciência com o trabalho visando dividir o adversário, contemporizar no plano tático, para vencer no plano estratégico.⁴²

O irracionalismo é percebido como a característica básica desse segmento. Além disso, as virtudes de coragem, audácia e heroísmo aparecem, de alguma forma, associadas aos ativistas da esquerda de gerações passadas, enquanto os mais novos acabam adotando ações infantis e incoerentes. O Anarquismo está na posição de frente: "Anarquistas de cinco países, unidos na crítica aos rumos do governo francês, atiraram duas tortas de chocolate no rosto da ministra da Juventude daquele país, Marie Buffet"⁴³. Ou, em outra oportunidade: "Integrantes de um movimento anarquista, o 'Confeiteiros sem fronteiras', transformaram o presidente do PT, José Genóino, em vítima de seu protesto contra os partidos, os governos e a democracia representativa"⁴⁴.

Como esse evento teve uma significativa repercussão no cenário nacional, o presidente do PT veio a público declarar que se tratou de uma "agressão típica de um anarquismo e de um aventureirismo que não tem futuro. Felizmente o PT não tem nada a ver com essa manifestação de desespero, anarquia e incompetência"⁴⁵. Em outro jornal diário, ele declarou, ainda, que o evento "não tem nada de esquerda. Quando a esquerda foi para a luta, correu riscos. Esse pessoal não corre riscos. É a festividade da demagogia esquerdista"⁴⁶.

No outro extremo do espectro, estaria a "esquerda radical", constituída de grupos e organizações que encontram na revolução o único caminho possível para a construção de um outro mundo. A caracterização aparece de maneira imediata, breve e simplificada: a esquerda radical está do lado da pobreza contra o mercado e o imperialismo. Na cobertura, vozes minoritárias consideram essa como a "verdadeira" e a "autêntica" esquerda, que, no entanto, perdeu sua capacidade de validar suas próprias posições no mundo contemporâneo: "A marcha que antecedeu a abertura do 2º Fórum Social Mundial manteve os tradicionais gritos de guerra contra o imperialismo, acrescidos de palavras de apoio à candidatura petista de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência"⁴⁷. Ou, ainda, numa outra perspectiva: "[...] uma marcha de sem-terra prega a revolução seguindo

uma rígida fiação dupla indiana, que pára nos sinais de trânsito e respeita a faixa da pista que lhe foi reservada pela polícia do governo estadual petista”⁴⁸.

No discurso jornalístico, a maioria das referências à esquerda radical carrega nos tons de cansaço e fadiga, uma vez que se presume não haver mais espaço para uma esquerda politicamente eficaz no mundo contemporâneo. As proposições da esquerda radical são refutadas ou ridicularizadas sem nenhuma preocupação em se demonstrar o que elas significariam precisamente: centralismo de Estado, regulamentação planejada da economia mediante coordenação e cooperação, luta de classe ou fé no levante revolucionário:

Ao demover Fidel Castro de contaminar o Fórum com sua manjada agenda política, Porto Alegre de certo modo caminhou pra fora do gueto da ultra-esquerda e carimbou seu passaporte de pluralismo democrático. [...] Porto Alegre pode, assim, servir de contrapeso a uma hegemonia que, de tão global e incontestável, pode se tornar cada vez mais arrogante e truculenta.⁴⁹

Passaram por POA milhares de grupos organizados e de fora do governo. [...] Independente da correção de suas bandeiras ou de seu comportamento, estarem todos reunidos em defesa de atos de solidariedade, na condenação do militarismo, ou na articulação de uma rede mais ampla possível à justiça social é uma vitória.⁵⁰

O fórum tem sua origem na orfandade política da esquerda depois de 1989 [...] ele criou um promissor lócus de interação do ‘campo progressista’, revigorando uma identidade política ameaçada, essencial para reemergência da ação coletiva motivada pelo ideário tradicional da esquerda.⁵¹

Mumbai produziu uma novidade: O “Fórum resistência” para agregar especialmente a extrema-esquerda, insatisfeita com um suposto reformismo do evento oficial.⁵²

O enquadramento adotado na linha principal das notícias diárias é abertamente hostil à esquerda anarquista, bem como àquela chamada ortodoxa: ambas as posições adotam instrumentos extremistas, que são tomados como infantis e desesperados ou, então, retrógrados e inócuos; ambos os segmentos são vistos como isolados em um gueto, enfrentando o destino da perda de adeptos e de apoio político. Alguns grupos que se posicionam na faixa intermediária, valorizam idéias historicamente associadas com a política conservadora ou liberal – tais como moderação, reforma gradativa e tolerância. Especial confiança é depositada nas regras

democráticas e na paciente busca de mediação, necessária para as relações mercantis, seja no mercado financeiro, seja na esfera de opiniões para solucionar interesses e práticas conflitantes, sem recurso à violência.

Metáforas temporais são utilizadas para distinguir os atores inovadores dos conservadores, os progressistas dos tradicionalistas; aqueles que são guiados pela luz do futuro daqueles que permanecem presos às idéias do passado. Metáforas espaciais refletem um universo vertical - alto/baixo; igualdade/desigualdade; superficial/profundo - ou horizontal - à frente de/atrás; próximo/distante. Nesse contexto, o discurso jornalístico é por demais vago para desenvolver tais questões, a fim de conferir um sentido mais preciso às diferentes discussões sobre as desigualdades de poder ou sobre as várias fontes de diferença, bens e deveres que deveriam ser distribuídos segundo critérios políticos diversos - necessidade, mérito, posição social, esforço e outros - que são defendidos de modo conflitante pelos atores alinhados em diferentes posições no campo político.

Todas essas discussões sobre valor sustentam o jogo de preferências e escolhas e também norteiam diferentes rumos da ação política e suas conseqüências. O discurso jornalístico, imerso em visões panorâmicas, acaba propondo que os autoproclamados grupos de esquerda, posicionados na zona intermediária do espectro, não apresentam qualquer diferenciação substancial em relação aos demais grupos políticos da arena política - todas as supostas clivagens de valor ou de ideologia desapareceram. Diferentes posturas no cenário político são consideradas meramente pragmáticas, parte do jogo competitivo da política para conquistar e/ou manter poder.

Por certo, a ordem mundial atual é mais aberta, complexa, incerta, diversa, interligada e arriscada que em épocas anteriores - esse é um repertório comum usado nos discursos sobre a globalização. Por um lado, as pretensões da esquerda e a configuração de suas políticas no pós-guerra - uma mistura de social-democracia para a administração da demanda keynesiana, ampliação de serviços públicos e economia mista de setores privados e públicos - vieram a ser reconhecidas nos anos 1990, de modo

cada vez mais contundente, como uma estrutura incompleta para enfrentar os desafios sociais, econ micos, ambientais e políticos. Por outro lado, o remédio proposto pelas políticas neoliberais – tais como estado mínimo, privatiza o, internacionaliza o e desregulamenta o da economia – perdeu muito de seu apelo no final da última década. Tomou-se cada vez mais evidente, particularmente nos países em desenvolvimento, que, quanto mais o mercado se expande, mais crescem os problemas que o próprio mercado cria e não consegue controlar (Anderson, 1997: 63):

Os problemas que assolam o mundo capitalista avançado, desde as conhecidas moléstias econ micas até as novas preocupa es sociais e  ticas, não são passíveis serem solucionadas por meio das forças do mercado e da desregulamenta o, mas exigem, em vez disso, coopera o nos domínios coletivo e político. A tarefa da esquerda  , nesse contexto, não apenas demonstrar que a reforma   necessária, mas também que ela   possível (Miliband, 1997: 20).

Segundo Walzer *apud* Bobbio (1999: 151), “este   o desafio da esquerda:... combater e periodicamente corrigir as novas formas de desigualdade e de autoritarismo que são continuamente produzidas pela sociedade”.

No campo acad mico, essas dificuldades geraram um imenso debate relacionado ao dilema enfrentado pela esquerda nas últimas décadas, particularmente depois do colapso do Comunismo nos anos 1980: o da necessidade de se conceber uma alternativa ao *status quo* e que possa ser, ao mesmo tempo, exeq vel e verdadeiramente inovadora. Isso significa escolher entre a demanda por um modelo diferente (como foi o Socialismo por mais de um século) ou a adapta o aos modelos existentes no mundo capitalista, renovando-os, sem se opor completamente ao atual estado de coisas (Giddens, 1994, 1998; Held, 1994; Casta eda, 1993). Se a primeira op o parece utópica no mundo globalizado, a segunda parece débil em seu idealismo – alguém poderia dizer: “tratar dos efeitos, sem tocar nas causas”. De qualquer modo, muitos pensadores políticos da esquerda têm defendido esta como uma op o realista, embora sua realiza o pareça remota. David Miliband (1997: 17), em *Reinventando a Esquerda*, declara: “Esta   a questão central: a esquerda precisa de uma identidade radical e nova, se se pretende fazer mais do que reclamar

contra as (muitas) injustiças do presente e fornecer esperança realista de mudança no futuro". Nas palavras de Perry Anderson (1999: 174), "para sobreviver como uma força significativa em um mundo dominado em boa medida pela direita, e, dessa forma, ser uma alternativa autêntica, a esquerda terá que lutar com toda energia".

Esse diagnóstico advém muito das ambições do FSM, como já discutido - fazer avançar formas alternativas de organizar sociedade e de regular a economia, mas, também, mostrar que esses arranjos podem obter êxito. Neste contexto, a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva - ex-trabalhador da indústria metalúrgica e líder do Partido dos Trabalhadores - como Presidente do Brasil em 2002, é especialmente significativa. Depois que o regime ditatorial foi desmanchado no País nos anos 1980, as coalizões de centro-direita assumiram o poder por mais de duas décadas e a vitória de Lula veio mostrar que as idéias ainda importam na política. O Partido dos Trabalhadores afirmou-se pela configuração de um estilo de governar fundado em princípios que buscam conferir relevância moderna a valores antigos e re-alinhar a ordem social e a econômica.

Uma vez que Lula assumiu a Presidência algumas semanas antes do encontro do FSM em 2003, a cobertura do Fórum encontra-se, nesse ano, entrelaçada com as políticas locais e nacionais. O novo Presidente veio a ser visto "como líder mundial de um projeto político antineoliberal"⁵³ ou como se afirmava, "Lula encamava a possibilidade real de experiências alternativas às velhas receitas da esquerda e à ortodoxia liberal, dentro da democracia"⁵⁴; ou ainda: "Lula falou a sua tribo, às esquerdas de todo o mundo que sobreviveram ao fim das experiências socialistas e ao esplendor declinante do capitalismo liberal global. Lula energiza as esquerdas do mundo, dos troskistas aos sociais-democratas mais desmaiados"⁵⁵.

Em entrevista, István Mészáros, pensador de esquerda húngaro presente no Fórum em Porto Alegre, refere-se a Lula como "o fundador de um novo modelo"⁵⁶. Em condições semelhantes, o líder da Esquerda Unitária no Parlamento Europeu, Francis Wurtz, declara que a esperança mundial

está concentrada no Brasil. “É o marco para um novo modelo, de um mundo mais justo e humanitário”⁵⁷.

Há um mundo que torce por Lula em Davos. Na França, este universo de simpatizantes projeta no presidente brasileiro a figura emblemática do boxeador que se serve de suas vitórias para dar ressonância a uma causa além das cordas. A imagem sai dos bulevares com os manifestantes antiglobalização da associação Attac, passa pelo gabinete do prefeito socialista de Paris e chega à mesa dos cafés, onde intelectuais de esquerda comemoram que idéias alvissareiras finalmente apoderaram-se dos tristes trópicos.⁵⁸

Em 2003, Lula se junta a personalidades da esquerda de diferentes países no FSM e também, foi para Davos, na Suíça. Para alguns, especialmente para os membros do PT considerados radicais, a participação do Presidente em ambos os fóruns representou um “oportunismo político”, uma “tolice”, um claro sinal de que Lula “traiu a esquerda”, ao “dar apoio ao que classificam como o fórum dos responsáveis pela exclusão social mundial, condenada no encontro de Porto Alegre”⁵⁹. Porém, especialmente na cobertura de *O Globo*, Lula foi visto como uma pessoa que “abriu um diálogo entre os dois fóruns mundiais, o Social e o Econômico”⁶⁰. São oferecidas várias declarações de intelectuais da esquerda, confirmando esta visão: “Neste momento, os dois fóruns que são as duas forças mundiais, (o neoliberalismo e as alternativas sociais), conversam. Lula criou este elo e acaba de se firmar como o novo símbolo mundial da ética e da justiça social”, disse Boaventura, cujas teorias são uma das principais referências do Fórum Social Mundial.⁶¹

Outro pensador do Fórum Social, o relator especial da ONU para o Direito à Alimentação, o suíço Jean Ziegler, também disse ter ficado convencido de que o discurso de Lula em Davos foi positivo. ‘Para nós, socialistas europeus, é muito importante que o presidente do Brasil seja essa ponte e esse símbolo do novo modelo econômico mundial. [...] Lula levou aos capitalistas o que era preciso levar e continua falando para o coração das pessoas’⁶²

Ao estabelecer uma ponte entre Porto Alegre e Davos, o Presidente contraria a visão simplista que considera o mundo dividido entre o bem e o mal, mocinhos e bandidos. Não há espaço para maniqueísmo quando se considera uma realidade inevitavelmente globalizada. O próprio início do Governo Lula mostra que responsabilidade fiscal, no sentido amplo, não é um requisito de direita, nem de esquerda. Trata-se de imperativo técnico.⁶³

O FSM apresenta a ambição - expressa tanto na *Carta de Princípios* quanto nas vozes de seus organizadores - de mudar as sociedades capitalistas avançadas de maneira significativa. Reivindica localizar-se na esfera das políticas de esquerda, em primeiro lugar, por sua crítica ao presente - por desafiar injustiças sociais ou desigualdades de poder e oportunidades mantidas em nome dos imperativos de mercado - e, em segundo lugar, por seu desejo de promover mudanças progressivas. No campo acadêmico, a aproximação do FSM com as políticas de esquerda não se restringe a uma demarcação de posição na geografia política, mas, também, torna-se algo a ser destrinchado do próprio credo emancipatório proferido pelo Fórum, (i.e, as proposições tecidas em torno de valores como autonomia e liberdade, por exemplo), do qual emerge, ou não, sua força moral. Na cobertura jornalística, a inserção do FSM no domínio da esquerda parece vaga ou imprópria. Além dos segmentos extremos da esquerda, que são facilmente identificáveis, mas cujos projetos políticos não considerados como alternativa séria ou eficaz, parece não haver qualquer distinção essencial entre os demais grupos presentes na arena política. Nessa perspectiva, os ativistas de esquerda ou repetem as velhas fórmulas de um período passado, que já não existe mais, ou adotam práticas políticas da direita.

À guisa de conclusão

Ao longo deste trabalho apontou-se que o FSM levanta uma série de indagações que está longe de ser satisfatoriamente respondida pelos estudos tanto da mídia quanto da ciência política. Apontou-se, também, que o modelo de democracia deliberativa oferece um quadro analítico mais positivo para se compreender o caráter do Fórum - a sua alegada novidade como fenômeno social e político - que aquele quadro posto pela democracia representativa. As preocupações tradicionais do modelo de democracia representativa - como as formas de organização dos agentes políticos dentro do sistema político circunscrito pelo Estado-nação, o sistema de direito e os mecanismos de representação ou de

prestações de contas ou, ainda, os padrões de tomada de decisão e efetividade da ação política – parecem conduzir, quase invariavelmente, a uma avaliação negativa do Fórum. Já o modelo de democracia deliberativa concede valor especial ao processo comunicativo na política e preocupa-se em deslindar o modo como os atores adquirem e usam o conhecimento, processam cognitivamente problemas, formam a vontade política e processam, de maneira coletiva, interesses conflitantes no jogo político.

Discutiu-se, também, a perplexidade que o Fórum tem provocado no campo midiático, uma vez que o fenômeno não se deixa apreender pelas regras usuais de noticiabilidade e pelos padrões convencionais de construção da notícia. O volume fenomenal de palestras e oficinas, a diversidade de temas e a natureza distinta dos participantes, bem como a ausência de dirigentes, de porta-vozes ou de documentos finais são fatores que desafiam uma definição imediata da maneira como os jornalistas deveriam reportar esse evento. A análise da cobertura do Fórum, feita pelos principais jornais brasileiros em três anos consecutivos, evidenciou uma forte indecisão quanto a critérios de relevância a serem adotados. Contudo, as pistas oferecidas ao público para a compreensão mesma do FSM, dentro dos diversos enquadramentos utilizados, ou procuram tornar o Fórum irrelevante ou procuraram retirar a credibilidade de sua ação política.

De modo específico, identificaram-se três núcleos de representação sobre o Fórum na cobertura jornalística: i) o Fórum como uma “festa” ou “carneval”; ii) o Fórum como utopia; iii) o Fórum como uma manifestação da esquerda. Uma vez que a análise está, ainda, sendo desenvolvida, não é possível formular conclusões mais gerais ou definitivas. Contudo algumas questões instigantes colocam-se na agenda de pesquisa. De modo geral, ao longo dos três anos examinados, diferentes pontos de vista tendem a invalidar o Fórum, reduzindo-o a um encontro festivo, de grande densidade e efervescência, que reuniu pessoas e grupos exóticos de todo o mundo. Uma festa para aqueles que dele participam e um espetáculo para aqueles que a ele assistem, por intermédio da mídia, inclusive. Uma torre de babel ou um *talk show* com proposições irrealistas

e pouco embasadas de grupos subalternos ("a globalização de baixo") e sem maiores conseqüências práticas. Uma política pré-moderna, de uma esquerda residual ou obsoleta, sem que essa se constitua em alguma alternativa digna de crédito para aqueles que são superiores. E m contraposição, há indícios de que está ganhando terreno a compreensão do Fórum como local de encontro e de debate, próprio para a troca de idéias e de experiências - e isso não é pouca coisa.

Como se discutiu, o modelo de democracia deliberativa oferece maior flexibilidade para se lidar com processos de aprendizagem coletiva, domínios espaciais transnacionais e escalas temporais diversas. E provoca novos questionamentos - entre outros, o modo como o debate público, do FSM ou de qualquer fórum, contribui para se estimular a imaginação política e se promover aprendizagem coletiva, bem como para se gerar poder educativo e comunitário no âmbito societário e se aperfeiçoar a decisão democrática, a qualidade e a justiça de seus resultados.

Cabe lembrar que o Fórum não se restringe aos encontros de Porto Alegre ou Mumbai. Isso porque há uma articulação de fóruns em diversos níveis - local, regional, nacional e internacional - que antecedem ao fórum mundial e que têm continuidade, por meio de redes, após seu encerramento. Os resultados práticos desses encontros ou a influência que os atores da sociedade civil podem efetivamente exercer nas tomadas de decisão de respectivos sistemas políticos são questões de difícil apreensão e só podem ser examinadas por meio de pesquisas particularmente desenhadas para tal fim. Também a mídia massiva não conta com recursos disponíveis para sustentar a visibilidade desses atores, pelo jornalismo diário. Por fim, a perplexidade parece continuar: talvez não seja o Fórum que está atrasado, em dissonância, com relação aos ideais democráticos; talvez sejam esses ideais que estão defasados diante da nova realidade do mundo globalizado. Talvez, finalmente, o maior desafio da democracia, para além das fronteiras do sistema político nacional, seja, então, encontrar formas de solucionar problemas que se tornam progressivamente comuns, mediante a cooperação dialógica continuada, preservando a igualdade política entre os cidadãos - sem menosprezar suas distinções

e diferenças - e sem recorrer a instrumentos tirânicos, para o estabelecimento de resultados democráticos.

Notas

¹ Carta de Princípios. <http://www.forunsocialmundial.org.br/main>.

² *Ibidem*

³ Entrevista de Francisco Whitaker a Rogéria Araújo, jornalista da Agência Frei Tito para a América Latina - Adital. <http://www.adital.org.br/asp2/noticia>.

⁴ Foi coletado o noticiário divulgado sobre o Fórum Social Mundial, em suas edições de 2002, 2003 e 2004, nos veículos da imprensa nacional. Para a definição desses veículos, foram estabelecidos os seguintes critérios: dois jornais impressos de circulação nacional - um de São Paulo (*Folha de S. Paulo*) e um do Rio de Janeiro (*O Globo*); dois jornais regionais - um de Minas Gerais (*Estado de Minas*) e um do Rio Grande do Sul (*Zero Hora*); duas revistas semanais de circulação nacional, com perfis editoriais distintos (*Vêja* e *Carta Capital*); duas emissoras de televisão de redes nacionais, também com perfis diferentes (*Tv Globo*, emissora comercial de sinal aberto, e *Tv Cultura*, de São Paulo, da rede de emissoras públicas educativas). A coleta de dados contemplou o período de três semanas - uma que antecede a realização do FSM, a própria semana do evento e uma semana após o término dele.

⁵ Word Social Forum - *Chatter of Principles*. Optou-se, em algumas partes do artigo, por fazer referências com base na versão, em inglês, revisada, da *Carta de Princípios* preparada pelo Comitê do Fórum, por ocasião do encontro na Índia.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Word Social Forum - *Chatter of Principles*.

⁸ Em 2001 e 2002, foram os seguintes eixos temáticos do FSM: I) A produção de riquezas e a reprodução sócia; II) O acesso às riquezas e a sustentabilidade; III) A afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos; IV) Poder político e ética na nova sociedade. Em 2003, os eixos temáticos foram: I) desenvolvimento democrático e sustentável; II) Princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade; III) Mídia, cultura e contra-hegemonia; IV) Poder político, sociedade civil e democracia; V) ordem mundial democrática, combate à militarização e promoção da paz. O primeiro FSM contou com a participação de cerca de 20 mil pessoas e 104 conferencistas fizeram suas exposições dentro dos quatro eixos temáticos. Em 2002, foram 51 mil pessoas inscritas e, desde então foram instituídos outros fóruns paralelos, tais como Fórum de Autoridades Locais, Fórum Parlamentar Mundial, Fórum Mundial de Juizes, Encontro Preparatório Rio+10, Acanpamento Intercontinental da Juventude e o Forunzinho Social Mundial (para crianças e adolescentes). As atividades realizadas se distribuem entre: Conferências, Painéis, Testemunhais, Seminários, Oficinas, Mesas de Diálogo e Controvérsia,. Apenas para se ter uma dimensão da intensa e diversificada atividade que se desenvolve no FSM, em 2003 foram realizadas 1.286 oficinas. Sobre essa questão consultar Weber (2003).

⁹ "The World Social Forum brings together and interlinks only organizations and movements of civil society from all countries in the world, but intends neither to be a body representing world civil society nor to exclude from the debates its promotes those in positions of political responsibility, mandated of their people, who decide to enter into the

commitments resulting from the debates". (Word Social Forum - *Chatter of Principles*)

¹⁰ The meetings of the World Social Forum do not deliberate on behalf of the Word Social Forum as a body. No one, therefore, will be authorized, on behalf of any of the editions of the Forum, to express positions claiming to be those of all its participants. The participants of the Forum shall not be called on to take decisions as a body, whether by vote or acclamation, on declarations or proposals for action that would commit all, or the majority, of them and that propose to be taken as establishing positions of the Forum as a body. (Word Social Forum - *Chatter of Principles*)

¹¹ Críticos afirmam que a representatividade do FSM está longe de alcançar uma dimensão mundial. Nos encontros de 2001 a 2003, de 60% a 70 % dos participantes eram brasileiros, 15% de países da América Latina e 15% de outras partes do mundo, enquanto entidades da sociedade civil da Ásia e da África estiveram praticamente ausentes. Um dos motivos para se transferir a quarta edição do Fórum para a Índia consistiu no desejo de ampliar a sua representatividade geográfica (Santos, 2003:30).

¹² Word Social Forum - *Chatter of Principles*.

¹³ Uma das preocupações dos organizadores e participantes de FSM tem sido, exatamente, a de aumentar sua democracia interna, criando condições para se tomarem as decisões do Comitê Organizador e do Comitê Internacional de modo mais cooperativo e transparente, bem como para se utilizar mecanismos como consultas e *referendum*, por meio das novas tecnologias de comunicação e informação, a fim de orientar decisões estratégicas.

¹⁴ Tais suposições, baseadas em estudos empíricos anteriores desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Mídia e Espaço Público (EME), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), têm contribuído para entender o modo como a mídia participa da pré-configuração do debate público, promovendo um diálogo público que tende a se generalizar, que informa e re-atualiza os espaços de discussão não-midiáticos e as esferas públicas locais ou temáticas. Utiliza-se, aqui, a noção de pré-estruturação, em primeiro lugar, porque a mídia cria um tipo peculiar de audiência: um público não-simultâneo de ouvintes, leitores e telespectadores. A produção da mídia é, por definição, elaborada para ser enviada a um público difuso, diversificado e potencialmente ilimitado, o que gera, conseqüentemente, uma "interatividade diferida/difusa" no tempo e no espaço. Em segundo lugar, há um volume informativo altamente denso e diversificado presente na cena midiática que torna impossível determinar-se, *a priori*, o modo como os telespectadores, ouvintes e leitores vão adquirir e utilizar os bens simbólicos mediados dentro de grupos particulares e/ou em contextos específicos.

¹⁵ <http://www.forumsocialmundial.org.br/main>.

¹⁶ SCHWARTZ, Gilson. Fórum Social desafia modelos de informação. *Folha de São Paulo*, 10 fev. 2002. Primeiro Caderno. Tendências Internacionais. p.3 (artigo/opinativo)

¹⁷ Esta frase é parte de uma pergunta feita a Francisco Whitaker pela jornalista Rogéria Araújo, da Adital. A íntegra da entrevista encontrava-se no sitio do FSM, na Internet, e podia ser encontrada lá em julho de 2004.

¹⁸ Ainda com base em dados preliminares, a pesquisa já identificou, tão somente nos jornais impressos da amostra, 427 matérias.

¹⁹ SCHWARTZ, Gilson. Fórum Social desafia modelos de informação. *Folha de São Paulo*, 10 fev. 2002. Primeiro Caderno. Tendências Internacionais. p.3 (artigo/opinativo)

²⁰ Idem

²¹ Idem

- ²² Idem
- ²³ VERISSIMO, Luiz Fernando. Outro tom. *O Globo*, 6 fev. 2003. Primeiro caderno, p.4 (opinativo/coluna)
- ²⁴ SARNEY, José. Fóruns: nove fora, zero, *Folha de São Paulo*, 8 fev. 2002. Artigo, coluna semanal.
- ²⁵ *Folha de S. Paulo*. 23 jan. 2004. Ntas, p.8.
- ²⁶ Woodstock social. *O Globo*, 23 jan. 2004. Editorial, p. 3.
- ²⁷ Ver as matérias que destacam fotos de garrafas de cachaça com rótulos de Che Guevara, as fotos de Noam Chomsky plantando árvores em acampamento do MST e, especialmente, a matéria intitulada Marina emociona Fórum, em *O Globo*, 28 jan. 2003.
- ²⁸ Carta dos Leitores. *O Globo*, 22 jan. 2004.
- ²⁹ Woodstock social. *O Globo*, 23 jan. 2004. Editorial, p. 3.
- ³⁰ DUIRA, Olívio. Tendências e Debates. *Folha de S. Paulo*, 31 fev. 2002. p.3.
- ³¹ Klaus Schwab, presidente de Davos em 2003, por exemplo, compara o FSM ao Woodstock, numa alusão a um sonho. Ver: Uma receita única para todos os problemas. *O Globo*, 26 jan. 2003.
- ³² FRAGA, Plínio. Uma outra crítica é possível. *Folha de S. Paulo*, 6 fev. 2002. (artigo)
- ³³ Ibidem.
- ³⁴ SANTOS, Boaventura de S. Lula é credor do modelo neoliberal. *O Globo*, 19 jan. 2002. (Entrevista)
- ³⁵ FRAGA, Plínio. Uma outra crítica é possível. *Folha de S. Paulo*, 6 fev. 2002 (Artigo).
- ³⁶ Empataram. *Folha de S. Paulo*, 2002. Editorial.
- ³⁷ SANTOS, Boaventura de S. Lula é credor do modelo neoliberal. *O Globo*, 19 jan. 2002. (Entrevista)
- ³⁸ Naomi Klein, em entrevista, defende nova forma de poder. *Folha de S. Paulo*, 1º fev. 2002.
- ³⁹ GRZYBOWSKI, Cândido. O desafio do Fórum é renovar temas. *Folha de S. Paulo*, 16 jan. 2004. (O autor é diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - Ibase).
- ⁴⁰ Ibidem.
- ⁴¹ NAVARRO, Zander. Sonhos de Mumbai. *Folha de S. Paulo*, 22 jan. 2004. (Artigo)
- ⁴² MASSOIE, Fernando. A Metodologia Política de Lula. *Estado de Minas*, 31 jan. 2003. (Artigo)
- ⁴³ Ministra francesa leva duas tortas na cara. *Folha de S. Paulo*, 5 fev. 2002.
- ⁴⁴ FRANCO, Ilmar. Manifestante joga torta em Genuíno. *O Globo*, 27 jan. 2003. (Enviado Especial)
- ⁴⁵ Ibidem.
- ⁴⁶ Mas logo o Genuíno, protesta Lula sobre a torta. *O Globo*, 28 jan. 2003.
- ⁴⁷ Fórum começa com marcha de 50 mil. *Estado de Minas*, 1º fev. 2002.
- ⁴⁸ FRAGA, Plínio Fraga. Uma outra crítica é possível. *Folha de S. Paulo*, 6 fev. 2002. (Artigo)

- ⁴⁹ Fórum de Porto Alegre virou coisa séria. *Estado de Minas*, 16jan. 2003.
- ⁵⁰ FRAGA, Plínio Lula está mais próximo de Davos do que de Porto Alegre. *Folha de S. Paulo*, 28 jan. 2003. (Artigo)
- ⁵¹ ZANDER, Navarro. Sonhos de Mumbai. *Folha de S. Paulo*, 22 jan. 2004. (Artigo)
- ⁵² *Ibidem*.
- ⁵³ PT usa Fórum para fazer Lula líder mundial. *O Globo*, 23 jan. 2003.
- ⁵⁴ CRUVINEL, Tereza. Panorama político. *O Globo*, 25 jan. 2003. (Coluna)
- ⁵⁵ *Idem*.
- ⁵⁶ MÉSZÁROS, István. Petista pode fundar nova globalização, diz filósofo. *Folha de S. Paulo*, 19 jan. 2003. (Entrevista)
- ⁵⁷ CRUVINEL, Tereza. Panorama político. *O Globo*, 25 jan. 2003. (Coluna)
- ⁵⁸ RIBEIRO, Antonio. França à espera de Lula. *O Globo*, 23 jan. 2003.
- ⁵⁹ Lula em Davos divide os petistas. *Estado de Minas*, 21 jan. 2003.
- ⁶⁰ Lula criou um elo entre os fóruns. *O Globo*, 26 jan. 2003.
- ⁶¹ *Idem*.
- ⁶² *Idem*.
- ⁶³ Sem Maniqueísmo. *O Globo*, 28 jan. 2003. (Editorial)

Bibliografia

ANDERSON, Perry. O sentido da Esquerda. In: BOBBIO, N. *Direita e esquerda - razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1995. p. 159-173.

BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na idade média e no renascimento*. Brasília: UNB, 1993.

BENNET, Lance W.; ENIMAN, Robert. Mediated politics. In: BENNET, Lance W.; ENIMAN, Robert (Eds.) *Mediated Politics*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001. p.1-33.

BENNET, Lance W.; ENIMAN, Robert. Communication and the future of democracy. In: BENNET, Lance W.; ENIMAN, Robert (Eds.) *Mediated Politics*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001. p. 468-480.

BOBBIO, Norbert. *Direita e esquerda - razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1995.

BOHMAN, James. *Public deliberation: pluralism, complexity and democracy*. Massachusetts: MIT press, 2000

- CALHOUN, Craig. Interpretation, comparison and critique. In: CALHOUN, Craig. *Critical social theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 43-69.
- CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia desamada - intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- CASTELLS, Manuel. *The rise of network society*. Massachusetts: Blackwell, 1996.
- COHEN, Joshua. Deliberation and democratic legitimacy. In: BOHMAN, J.; REHG, W. (Eds.). *Deliberative democracy*. London: MIT Press, 1997. p. 67-92.
- COHEN, Joshua. Procedure and substance in deliberative democracy. In: BENHABIB, S. (Ed.). *Democracy and difference: contesting the boundaries of the political*. Princeton: Princeton University Press, 1996. p. 95-120.
- COOKE, Maeve. Five Arguments for Deliberative Democracy. *Political Studies*, v. 48, p. 947-969, 2000.
- COSTA, Sérgio. *As cores de Ercília - esfera pública, democracia, configurações pós-nacionais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- DAGNINO, Evelina. *Sociedade civil e espaços públicos no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DRYZEK, John S. Transnational democracy. *The Journal of Political Philosophy*, v. 7, p. 30-51, 1999.
- _____. Transnational democracy: Beyond the cosmopolitan model. In: DRYZEK, John S. *Deliberative democracy and beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 115-139.
- EKECRANTZ, Jan; MAIA, Rousiley, C. M.; CASTRO, Maria C. *Media and Modernities: The Cases of Brazil and Russia*. Stockholm Media Studies I, JMK, Stockholm, 2003.
- GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power - a constructionist approach. *American Journal of Sociology*, Chicago, The University of Chicago, v. 95, n. 1, p. 1-37, 1989.
- GAMSON, William A. Promoting political engagement. In: BENNET, W. Lance; ENIMAN, Robert (Eds.). *Mediated politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. *Talking politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Unesp,

1994.

_____. Politics beyond right and left In: GIDDENS, Anthony; PIERSON, C. *Conversations with Anthony Giddens - making sense of modernity*. Stanford: Stanford University Press, 1998. p. 151-169.

_____. *The third way - the renewal of social democracy*. Oxford: Blackwell, 1998.

GRZYBOSKI, C. Nasceu algo diferente em Porto Alegre. *Observatório da Cidadania* - o impacto social da globalização no mundo, n. 5, p. 67-69, 2001.

GUIBERNAU, Montserrat. Globalization, cosmopolitanism, and democracy: an interview with David Held. *Constellations*, v.8, n. 4, p. 427-441, 2001.

GUTMANN, Amy; THOMPSON, Dennis. *Democracy and disagreement - why moral conflict cannot be avoided in politics and what should be done about it* Cambridge: Harvard University Press, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *A constelação pós-nacional - ensaios políticos*. São Paulo: Littera Mundi, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *Between facts and norms*. Cambridge: MIT Press, 1996

HAGUE, Barry; LOADER, Brian. *Digital democracy: discourse and decision making in the information age*. London: Routledge, 1999.

HELD, David. Desigualdades de poder, problemas de democracia. In: MILIBAND, D. (Org.) *Reinventando a esquerda*. São Paulo: Unesp 1994. p. 67-82.

LEADER, Sheldon. The reach of democracy and global enterprise. *Constellations*, v. 8, n. 4, p. 538-553, 2001.

MELUCCI, Alberto. *Challenging codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MILIBAND, David. *Reinventando a esquerda*. São Paulo: Unesp 1997.

NORRIS, Pippa. *A virtuous circle - political communications in postindustrial societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

NORRIS, Pippa. The Growth of critical citizens and its consequences. In: NORRIS, Pippa (Ed.). *Critical citizens - global support for democratic governance*. New York: Oxford, 1999. p. 257-272.

PAGE, Benjamin. *Who deliberates? Mass media in modern democracy*. London: University of Chicago Press, 1996.

ROMAN, Artur R. *Tonais no trabalho; modais no amor. O que o RP tem a ver com isso?* <http://www.intercom.org.br/papers>, 2002.

SADER, Emir. *O anjo tarto - esquerda (e direita) no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Boaventura. S. *The World Social Forum: Toward a counter-hegemonic Globalization*. www.ces.fe.uc.pt/documents/wsf.pdf, 2003, 13 mar. 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes Sociais na Sociedade da Informação. COLÓQUIO INTERNACIONAL: Mídia, Identidades Coletivas e Espaço Público, Belo Horizonte, set. 2003.

SCHMAKZ-BRUNS, Rainer. The Postnational Constellation: Democratic Governance in the Era of Globalization. *Constellations*, v.7, n. 4, p. 554-568, 2001.

SOIHET, R. *Reflexões sobre o carnaval na historiografia - algumas abordagens*. <http://gladiator.historia.uff.br/tempo/textos/art7-8.PDF>, 1997.

THOMPSON, Dennis F. Democratic theory and global society. *The Journal of Political Philosophy*, v. 7, n. 2, p. 111-125, 1999.

TOURAINÉ, Alain. *Can we live together? Equality and difference*. Stanford: Stanford University Press, 2000.

_____. *Return of the actor: social theory in pos-industrial society*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.

TSAGAROUSIANOU, Roza; TAMBINI, Damian; BRYAN, Cathy. *Cyberdemocracy - technology, cities and civic networks*. London: Rutledge, 1998. p. 167-178.

WARREN, Mark E. *Democracy and association*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

WHITAKER, Francisco. *Fórum Social Mundial: Origens e Objetivos*. <http://www.forumsocialmundial.org.br/main>, 2002.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

WEBER, Maria Helena. *Provocações da Comunicação do Fórum Social Mundial*. Trabalho apresentado no IntercomIII - Colóquio Brasil - Itália, Belo Horizonte, 2 e 3 de setembro de 2003.

